

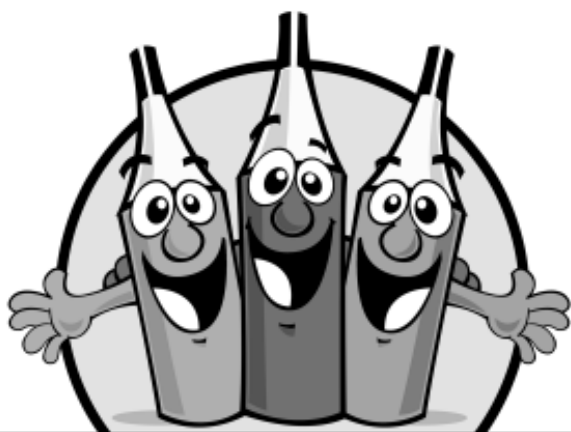


PROJETO
Escola Viva

**Garantindo o acesso e permanência
de todos os alunos na escola**

**Alunos com necessidades
educacionais especiais**

**Reconhecendo os alunos que
apresentam dificuldades acentuadas
de aprendizagem, relacionadas
a condutas típicas**



PROJETO
Escola Viva

**Garantindo o acesso e permanência
de todos os alunos na escola**

**Alunos com necessidades
educacionais especiais**

**Reconhecendo os alunos que apresentam
dificuldades acentuadas de aprendizagem,
relacionadas a condutas típicas**

Presidente da República

Fernando Henrique Cardoso

Ministro de Estado da Educação

Paulo Renato Souza

Secretário Executivo

Luciano Oliva Patrício

Secretária de Educação Especial

Marilene Ribeiro dos Santos

FICHA TÉCNICA

Coordenação: **SORRI-BRASIL**

Elaboração: **Maria Salete Fábio Aranha**

Projeto gráfico e copydesk: **Alexandre Ferreira**

Agradecimentos: **Equipe Técnica da Secretaria de Educação Especial**

Tiragem: 10.000 exemplares

Autorizada reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte.

Projeto Escola Viva - Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais especiais, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, C327 2002, Série 2

196p.: il.

Iniciando nossa Conversa

1. Identificando e atendendo as necessidades educacionais especiais dos alunos com altas habilidades/superdotação
2. Reconhecendo os alunos que apresentam dificuldades acentuadas de aprendizagem, relacionadas a condutas típicas
3. Oficinas Pedagógicas: Um espaço para o desenvolvimento de competências e habilidades na educação profissional

Resumindo nossa Conversa

CDD: 372.6

CDU: 342.71

Índice

O que são condutas típicas	8
Condutas típicas mais comumente descritas	12
Quais são os determinantes das condutas típicas?.....	15
Estudando o Caso	17
Estratégias de Intervenção	19
Indicadores de bons programas.....	29

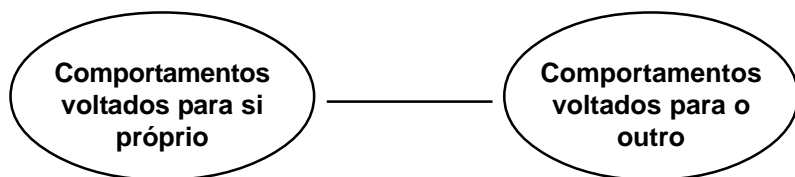
Prezado(a) professor(a):

Estaremos, neste volume, abordando um assunto que também tem gerado muitas incertezas para o professor que se propõe a contribuir com a construção de uma escola inclusiva: a presença, em sua sala de aula, de alunos que apresentam dificuldades acentuadas de aprendizagem, relacionadas a **condutas típicas**.

O que são condutas típicas?

O termo “condutas típicas” se refere a uma **variedade muito grande de comportamentos**, o que tem dificultado o alcance de consenso em torno de uma só definição.

Assim, encontra-se, na literatura, diferentes definições e diferentes tipos de classificação para esses comportamentos. A maioria delas, entretanto, pode ser representada por um contínuo, no qual se representa, em um extremo, comportamentos voltados para o próprio sujeito, e no outro extremo, comportamentos voltados para o ambiente externo.



Há crianças cujo padrão comportamental encontra-se na primeira categoria, apresentando **comportamentos voltados para si próprios**, tais como: fobias, auto mutilação, alheamento do contexto externo, timidez, recusa em verbalizar, recusa em manter contato visual, etc.

Por outro lado, encontramos crianças cujo padrão comportamental encontra-se na segunda categoria, apresentando **comportamentos voltados para o ambiente exterior**, tais como: agredir, faltar com a verdade, roubar, gritar, falar ininterruptamente, locomover-se o tempo todo, etc...

O **grau de severidade** do desses comportamentos vai depender de variáveis tais como sua **freqüência, sua intensidade e sua duração**.

Há comportamentos, tais como locomover-se o tempo todo, pegando todos os objetos que encontra pela frente, esperados para uma criança na primeira infância, momento em que se encontra explorando o ambiente em que vive. Esse mesmo padrão comportamental já se mostra inadequado se for exibido por um aluno de 5.^a série, por exemplo. Será ainda mais atípico se for apresentado por um aluno do ensino médio, não é? Assim, a frequência de um comportamento, maior ou menor do que o esperado para a idade e gênero do aluno, pode ser indicadora de conduta típica, bem como sinalizar o grau de severidade do problema.

Todas as pessoas apresentam, vez ou outra na vida, comportamentos que são altamente inconvenientes, ou inadequados, dado o dano que podem causar para si mesmos e para os outros, bem como o prejuízo para suas relações, no contexto geral em que vivem. Se tais comportamentos, entretanto, forem exibidos como padrão, por um continuado e extenso período de tempo, passam a ser identificados como condutas típicas e podem indicar seu grau de severidade.

O termo “condutas típicas” foi proposto na tentativa de se evitar outros rótulos, anteriormente utilizados, que carregavam, em seu significado, uma carga de julgamento e de desqualificação da pessoa a quem eles eram atribuídos. Pode-se citar, dentre estes: transtornos de conduta, distúrbios de comportamento, comportamentos disruptivos, desajuste social, distúrbios emocionais, etc... Os termos distúrbio, desajuste, parece apor ao sujeito assim qualificado, uma característica de menor valia, de defeito, de inadequação humana.

Entretanto, a tentativa de se respeitar o politicamente correto não pode impedir que o problema seja focalizado, e tratado, já que **tais comportamentos existem, são reais e constituem uma questão a ser enfrentada e solucionada no contexto, também real, da sala de aula.**

Na realidade, todos esses termos têm procurado etiquetar pessoas que apresentam problemas de natureza **emocional, social, ou comportamental**.

Estas, **geralmente, não apresentam comprometimento, ou atraso intelectual**, mas vivenciam enorme **dificuldade em se adaptar ao contexto familiar, escolar e comunitário**. No que se refere ao **desempenho acadêmico**, por outro lado, suas aquisições e desenvolvimento **parecem se correlacionar com a intensidade e a frequência do problema que apresentam**.

Professores nos têm relatado sua experiência, algumas das quais apresentaremos a seguir.

Joãozinho é um garoto que começou a freqüentar a primeira série do ensino fundamental, no início do ano. Ele parece ser meio esquisito, pois não olha no rosto das pessoas, de jeito nenhum! Fica sempre cabisbaixo, e não fala com ninguém. Se alguém lhe faz uma pergunta, ele continua olhando na direção do chão, e não solta um som sequer. A professora já tentou falar com ele, abordando assuntos diferentes, convidando-o para brincar com os outros meninos, elogiando sua roupa, mas...que nada! Ele continua sem falar, e sem olhar para ninguém. Quando a professora propõe alguma atividade a ser feita na lousa, ele sequer levanta da carteira. Se ela o segura pelo braço, e leva até a lousa, ele a acompanha com mansidão, mas sempre olhando para o chão, sem dizer nada. Também não faz o que a professora pede...Quando, de outra feita, a professora pede aos alunos que façam alguma atividade no caderno, ele ainda não se mexe. A professora, ou algum coleguinha lhe põe o lápis de cor na mão, e ele o segura...mas ainda assim continua parado, olhando para baixo, sem fazer o que lhe está sendo solicitado.

Mário, aluno da segunda série do 1.º ciclo, chega sempre atrasado para a aula e assim que chega, parece que um liquidificador foi ligado na sala de aula! Ele não para sentado um minuto sequer, puxa os cabelos da colega que se senta à carteira da frente, põe o pé à frente do colega que está passando, pega a borracha de um, o lápis de outro, a lancheira de outro! A professora já tentou conversar com ele com calma, já ficou brava, já deu até uns berros com ele... que nada! Ele faz uma carinha de safado, dá de ombros, dá risada, e continua andando pela sala o tempo todo, mexendo com tudo e com todos. Parece que a energia dele é infinita, e que ele tem eletricidade dentro do corpo!!

Rejane, aluna da 4.ª série, tem que estar o tempo todo ocupada em alguma atividade manual, senão ela começa a se cotucar e a arrancar pedaço, até, de seu corpo. Tem inúmeras cicatrizes e depressões em seus braços, por essa razão.

Cláudio é um aluno que tenho na 6.ª série, que me tem realmente tirado do sério, coisa que nunca me aconteceu, nos 20 e tantos anos de profissão. Ele rejeita ativamente e se opõe frontalmente a qualquer pessoa que tente conversar com ele, seja um colega, seja eu mesma.

Ele parece dizer a todos “fiquem longe, ou vão se arrepender!” Assim, fica o tempo todo batendo com o lápis na carteira, fazendo ruídos com a boca, enchendo os cadernos e objetos escolares de saliva...fica cuspidando lentamente na folha do caderno e olhando a saliva cair. Daí, espalha a saliva pela carteira com as mãos. Faz caretas, e sem qualquer razão aparente, começa a gritar com colegas, a ameaçar, a bater, a lutar...

Faz sempre suas tarefas, mas estas vêm totalmente rasuradas, com buracos e/ou desenhos obscenos na folha.

Ele cospe nos outros com freqüência, e está sempre choramingando, dizendo que os outros não gostam dele, que fogem dele, que não o aceitam. Mostra-se sempre infeliz, agitado e insatisfeito.

Casos semelhantes aos acima relatados certamente já passaram por sua experiência profissional, seja diretamente, seja através de comentários de colegas. Como você pode ver, caro professor, descrevem crianças com **características e peculiaridades de funcionamento totalmente diferentes umas das outras**, mas todos considerados alunos que apresentam comportamentos que prejudicam suas relações com pais, familiares, colegas, professores, bem como seu envolvimento e desempenho acadêmico e profissional.

Condutas típicas mais comumente descritas

Embora obviamente não abranja todos os padrões comportamentais denominados condutas típicas, apresentaremos, a seguir, algumas das citadas por Stainback & Stainback (1980) como mais comumente encontrados nas salas de aula.

DISTÚRBIOS DA ATENÇÃO

Há alunos que apresentam dificuldade em atender a estímulos relevantes de uma situação, como por exemplo, olhar para a profes-

sora, quando esta está dando uma explicação, na sala de aula. Assim, olham para qualquer outro estímulo presente, como a mosca que passa voando, o cabelo da colega da frente, a régua do outro colega que caiu, e assim por diante. Geralmente, são crianças que movimentam a cabeça o tempo todo, voltando-se e respondendo a qualquer dos estímulos presentes que estejam concorrendo com o estímulo relevante, tal como a atividade a desenvolver, a professora que está dando explicações, o dever a fazer.

Outros, embora atendam a estímulos relevantes, não conseguem manter a atenção a eles pelo tempo requerido pela atividade. São alunos que apresentam dificuldade em se concentrar na execução de qualquer atividade.

Outros, ainda, selecionam e respondem somente a aspectos limitados da realidade, como por exemplo, crianças que não respondem a mais nada, mas informam ao professor cada vez que um determinado colega se levanta...

HIPERATIVIDADE

A criança hiperativa apresenta fundamentalmente uma inabilidade para controlar seu comportamento motor de acordo com as exigências nas diversas situações. Assim, apresenta uma constante mobilidade e agitação motoras, o que também se torna grande empecilho para seu envolvimento com uma determinada ação, ou tarefa.

IMPULSIVIDADE

A criança impulsiva apresenta respostas praticamente instantâneas perante uma situação estímulo, não parando para pensar, re-

fletir, analisar a situação, para tomar uma decisão e então se manifestar, por meio de uma ação motora ou verbal.

Geralmente, a hiperatividade e a impulsividade encontram-se juntas, num mesmo padrão comportamental..

ALHEAMENTO

Há crianças que se esquivam, ou mesmo se recusam terminantemente a manter contato com outras pessoas, ou com qualquer outro aspecto do ambiente sócio-cultural no qual se encontram inseridas. Em sua manifestação mais leve, encontram-se crianças que não iniciam contato verbal, não respondem quando solicitadas, não brincam com outras crianças, ou mesmo que mostram falta de interesse pelos estímulos ou acontecimentos do ambiente.

Por outro lado, em sua manifestação mais severa, encontram-se crianças que não fazem contato com a realidade, parecendo desenvolver e viver em um mundo só seu, à parte da realidade.

AGRESSIVIDADE FÍSICA E/OU VERBAL

A agressividade física e/ou verbal se constitui de ações destrutivas dirigidas a si próprio, a outras pessoas ou a objetos do ambiente.

Ela inclui gritar, xingar, usar linguagem abusiva, ameaçar, fazer declarações auto-destrutivas, bem como bater, beliscar, puxar os cabelos, restringir fisicamente, esmurrar, dentre outros comportamentos.

Todas as pessoas podem, em algum momento ou fase de sua vida, apresentar comportamentos de natureza agressiva, seja em sua verbalização, seja fisicamente. Entretanto, esses comportamentos

são esporádicos, focais e não constituem um padrão que se estende no decorrer de um período mais longo de tempo.

A agressividade passa a ser considerada conduta típica quando sua intensidade, frequência e duração ultrapassam o esporádico, focal e passageiro. Ela pode variar desde manifestações negativistas, mal humoradas, até atos de violência, brutalidade, destruição, causando danos físicos a si próprio e/ou a outras pessoas.

Quais são os determinantes das condutas típicas?

Se olharmos para a história da humanidade, veremos que o homem já produziu inúmeras e diferentes explicações para os comportamentos que intrigam e desconcertam as pessoas, por sua atipia e pelo prejuízo que causam, seja a quem os emite, seja a quem os recebe.

Assim, encontramos desde as explicações de cunho metafísico, como a possessão demoníaca, até as explicações científicas mais recentemente desenvolvidas.

Segundo Hardman et al (1993, p. 148) as causas aventadas variam de acordo com o edifício teórico que lhes serve de referência. Assim, considera-se:

1. Como **causas biológicas**, a herança genética, as anormalidades bioquímicas, as anormalidade neurológicas, as lesões no sistema nervoso central.

2. Como **causas fenomenológicas**, o conhecimento equivocado sobre si mesmo, o uso inadequado de mecanismos de defesa, sentimentos, pensamentos e eventos subjetivos.
3. Como **causas psicológicas**, os processos psicológicos, o funcionamento da mente (id, ego e superego), as predisposições herdadas (processos instintivos) e experiências traumáticas na primeira infância.
4. Como **causas comportamentais**, eventos ambientais, tais como: falha na aprendizagem de comportamentos adaptativos, aprendizagem de comportamentos não adaptativos e o desenvolvimento de comportamentos não adaptativos por circunstâncias ambientais estressantes.
5. Como **causas sociológicas/ecológicas**, a rotulação, a transmissão cultural, a desorganização social, a comunicação distorcida, a associação diferencial, e interações negativas com outras pessoas.

Em síntese:

1. **Não existe um padrão único de comportamento denominado conduta típica. É grande a variedade de comportamentos englobados sob esse rótulo.**
2. **Seus determinantes são variados, podendo ser de natureza biológica, psicológica, comportamental e/ou social.**
3. **Os indicadores que facilitam sua identificação e a avaliação do grau de severidade são:**

- a. Distanciamento dos padrões de comportamento esperados de uma pessoa daquele sexo, faixa etária, naquele contexto,
 - b. Frequência muito menor ou maior do que o esperado,
 - c. Intensidade muito menor ou maior do que o esperado,
 - d. Duração prolongada no tempo
4. Seus efeitos, caso o problema não seja abordado, geralmente são destrutivos para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno, bem como para seu desenvolvimento e integração social.
5. Exemplos de condutas típicas mais comumente encontradas nas salas de aula são: desatenção, dificuldade de concentração, hiperatividade, impulsividade, alheamento, agressividade física, agressividade verbal, desamparo.

Estudando o Caso

Geralmente, o professor é a primeira pessoa a observar comportamentos não adaptados apresentados pelo aluno, e solicitar orientação para a equipe técnica e a direção da unidade, para que sejam providenciados encaminhamentos para profissionais especializados, quando necessário.

Apesar desses comportamentos muito provavelmente já serem conhecidos no contexto familiar, na maioria das vezes os familiares,

até então, “viraram-se” como puderam, tentando administrar, nos meandros do cotidiano doméstico, a convivência com o problema.

É importante que o professor, ao observar esse tipo de comportamento, registre, **descrevendo objetivamente como ele se caracteriza**. É importante que ele descreva em que momentos ele é apresentado pelo aluno, com que frequência é apresentado, quais as conseqüências para o aluno e para os demais alunos da classe, que estratégias de intervenção já foram tentadas, qual foi o resultado de tais intervenções, dentre outras informações.

Esses registros têm o objetivo de contribuir para a identificação das necessidades educacionais do aluno, de modo que a escola busque respostas adequadas para seu processo de aprendizagem.

A escola deve contar com as informações fornecidas pela família para melhor compreender os comportamentos do aluno e o seu processo de aprendizagem.

Tais informações devem ser discutidas com os profissionais da equipe técnica, com a direção da unidade escolar e todos os procedimentos regulares devem ser explorados antes de se encaminhar o aluno para atendimentos outros, na comunidade.

É nessa instância, finalmente, que se deve decidir, em comum acordo com a família, sobre o encaminhamento do aluno, e às vezes, até, de sugerir aos familiares que procurem outros profissionais especializados, para que possam fazer uma avaliação mais detalhada do problema e nortear os atendimentos especializados necessários, bem como orientar o professor.

Nesse momento, efetiva-se, então, a presença de uma equipe multidisciplinar. Ela é considerada multidisciplinar porque conta com profissionais que dominam diferentes áreas do conhecimento e, que

assim, podem contribuir com informações diversas e valiosas para o alcance de uma compreensão mais ampla e profunda acerca da natureza do problema e de que ações se fazem necessárias, para auxiliar no desenvolvimento do aluno.

Há que se lembrar, entretanto, que uma equipe multidisciplinar somente poderá cumprir seu papel se ela assumir a função de transdisciplinaridade, ou seja, que o grupo se reúna, compartilhe informações e reflexões, e produza, no coletivo, uma síntese realmente representativa da complexidade que constitui e contextualiza o problema focalizado.

Assim, o estudo de caso implica na realização de entrevistas, de avaliações técnicas, de reflexões e discussões conjuntas e de elaboração coletiva de sínteses diagnósticas e orientadoras da intervenção.

Estratégias de Intervenção

As estratégias de intervenção incluem os diferentes tipos de terapia psicológica e de tratamentos médicos (tais como terapia fenomenológica, ludoterapia, psicoterapia de grupo, terapia comportamental, terapia familiar e conjugal e terapia medicamentosa), tanto para a criança, como para seus pais, bem como diferentes ações educacionais, implementadas na sala de aula, e nas demais instâncias da unidade escolar.

Vamos abordar mais especificamente as ações da área pedagógica, por serem as de implicação direta para o trabalho do professor na sala de aula.

Algumas dicas podem ser úteis ao professor as quais se referem a adaptações organizativas que podem auxiliar em sala de aula.

1. É importante que o professor estabeleça claramente, com os alunos, os limites necessários para a convivência num coletivo complexo.
2. É fundamental que seja identificada a forma mais adequada de comunicação para cada aluno, de forma a permitir que ele trabalhe com compreensão, com prazer e com a maior autonomia possível.
3. É importante que o ensino seja individualizado, quando necessário, norteado por um Plano de Ensino que reconheça as necessidades educacionais especiais do aluno e a elas responda pedagogicamente.
4. É importante que o aluno possa, sempre que possível, relacionar o que está aprendendo na escola, com as situações de sua própria vida.
5. É importante, também, que as atividades acadêmicas ocorram em um ambiente que por si só seja tenha significado e estabilidade para o aluno.
6. A previsibilidade de ações e de acontecimentos pode diminuir em muito a ansiedade do aluno que apresenta comportamentos não adaptativos. Assim, é importante que o professor estruture o uso do tempo, do espaço, dos materiais e a realização das atividades, de forma a diminuir ao máximo o caos que um ambiente complexo pode representar para esse aluno.

Além das providências organizativas, o professor que recebe em sua classe um aluno que apresenta esses comportamentais pode ter, como necessário, fazer adaptações em três áreas:

- Programas voltados para o **comportamento de sala de aula**.
- Programas voltados para o **ensino de habilidades de convivência social**.
- Programas voltados para a **educação acadêmica**.

Hardman et al (1993) sugerem ao professor alguns cuidados básicos a serem adotados, no processo de buscar formas eficientes de gerenciar seu ensino em salas de aula.

1. Discutir sempre com a equipe técnica a busca de estratégias que sejam efetivas e realistas para o caso em questão.
2. Pedir ajuda a profissionais da equipe técnica sempre que necessitar de apoio, ou se sentir inseguro.
3. Cooperar com os pais, usando na sala de aula os mesmos procedimentos recomendados pelos terapeutas e usados em casa (quando a família é participante do processo de intervenção).

Estes cuidados são básicos e podem se somar aos demais descritos a seguir.

No intuito de desenvolver **comportamentos** desejáveis para uma participação construtiva nas atividades da **sala de aula**, os autores Lewis & Doorlag (1991, pp. 298-299) sugerem inúmeros procedimentos, voltados para condutas específicas.

No caso, por exemplo, do aluno que apresenta hiperatividade verbal, falando em voz alta constantemente, fazendo comentários irrelevantes, discutindo provocativamente com o professor e com colegas, numa frequência elevada, os autores recomendam, dentre várias outras estratégias, **que o professor estabeleça claramente com os alunos da sala, as regras de participação verbal na aula.** O professor pode, por exemplo, **exemplificar os níveis vocais aceitáveis, bem como os inaceitáveis** (gritos, fala muito intensa). O professor deve **ensinar essas regras, dando oportunidades dos alunos praticarem o desejável, e apresentando, a eles, um feedback** sobre sua adequação. Sugerem, também, que **o professor deixe o aluno saber claramente quando seu comportamento está sendo cooperativo e desejável** (“gosto quando você levanta a mão antes de falar!”).

Em casos de hiperatividade física, por outro lado, os autores sugerem, dentre outros procedimentos, **que se converse claramente sobre o problema, e suas conseqüências para o andamento da aula. Que se estabeleçam, também, regras claras sobre a forma desejável de comportamento. Que se registre o tempo máximo que o aluno consegue ficar envolvido com diferentes atividades, e seja dele solicitado um aumento gradativo de tempo de permanência na atividade** (30 segundos, depois 1 minuto, depois 1 minuto e 30 segundos, e assim por diante...). **A cada sucesso**, ou seja, a cada nova meta estabelecida com o aluno e por ele alcançada, **que o feito seja comentado elogiosamente.** Sugerem, também, **que se favoreçam oportunidades para que o aluno se movimente pela classe, ou para outros locais na escola.** Outra sugestão, ainda, é a de **antecipar a movimentação do aluno, encaminhando-se para perto dele, quando prestes a sair de sua carteira.**

Quanto a **programas voltados para o desenvolvimento de padrões saudáveis de interação social**, os autores sugerem (p. 300), dentre outros procedimentos:

- Que se forneça aos alunos exemplos de comportamentos não agressivos, que podem ser utilizados em situações que poderiam levar à agressão.
- Usar o role-playing¹ para simular tais situações e permitir que os alunos exercitem criticamente os diferentes padrões possíveis.
- Ensinar aos alunos respostas aceitáveis e adequadas a ataques físicos e/ou verbais. Lembrem que os alunos necessitam ter um leque de alternativas comportamentais disponíveis para delas se utilizar na situação do inesperado. Se ele nunca exercitou nenhuma, a tendência é de agir de forma semelhante àquela com que foi atacado!
- Reconhecer explicita e elogiosamente os alunos que substituem respostas agressivas por comportamentos desejáveis, não agressivos.
- No caso de alunos que se mostram retraídos, alheios ao ambiente social, é importante encorajar a interação social de colegas com eles. É importante ressaltar que os colegas é que inicialmente devem ser incentivados e elogiados pelas iniciativas, pois qualquer pressão para interação, feita sobre um aluno retraído, pode aumentar esse retraimento.
- Sugerem, ainda, para esses casos, que se procure designar o aluno para realizar uma atividade ou projeto em um grupo, dando a ele tarefas específicas que exijam a cooperação.
- Parear o aluno retraído com um parceiro mediador, um tutor mais velho ou um adulto voluntário, de forma que estes possam lhe oferecer modelos adequados de participação, e que o aluno possa ser positivamente beneficiado quando apresentar comportamento semelhante.

¹ Role-playing - técnica de representação de papéis, em grupo.

Já Hardman et al (1993) sugerem também:

- Ensinar comportamentos sociais adequados específicos para todas as crianças como, por exemplo, estabelecer contato visual, manter contato visual, responder a contatos verbais, iniciar contatos verbais, seguir instruções, responder a cumprimentos, cumprimentar pessoas por iniciativa própria, usar formas socialmente adequadas para manifestar raiva, etc...
- Discutir a conduta indesejada com os demais alunos, buscando promover, com eles, a compreensão do fenômeno, bem como a compreensão de como se relacionar construtivamente com ele.
- Estabelecer, juntamente com os alunos, padrões de conduta para a convivência coletiva, bem como a definição de conseqüências para o cumprimento ou o descumprimento do acordado pelo grupo.
- Procurar desenvolver uma relação positiva com o aluno que apresenta conduta não adaptativa, recebendo-o sempre com simpatia, batendo papo com ele em momentos apropriados, reconhecendo explicitamente seus ganhos e avanços (por menor que sejam), e procurando identificar seus interesses e motivações.
- Estabelecer a cooperação dos demais alunos em atividades de treinamento de habilidades sociais, de monitoramento profissional e de monitoramento acadêmico.
- Recorrer à assistência de membros da equipe técnica e de outros profissionais da comunidade, no caso de situações de crise, buscando o suporte necessário para administrá-las.
- Estabelecer a normatização de procedimentos a serem rapidamente adotados, para lidar eficientemente com comportamentos particularmente difíceis.

- Orientar aos demais alunos sobre como agir para gerenciar o relacionamento com colegas que apresentam condutas não adaptativas, ensinando-os como responder a situações específicas.
- Estimular o aluno que apresenta essas condutas, a se envolver em todas as atividades cívicas, artísticas, esportivas e sociais da escola, juntamente com os demais colegas.

Já no que se refere a **programas que visam ensinar habilidades e hábitos eficientes de estudo** (atenção concentrada, habilidades de organização do estudo e o aumento da eficácia do aluno em suas atividades de estudo), Lewis & Doorlag (1991) também sugerem vários procedimentos interessantes:

- Usar sempre um mesmo sinalizador, uma dica que chame a atenção dos alunos, antes de lhes apresentar uma informação verbal importante (“Escutem! Prontos?” ou “Está na hora de começar!”).
- Agrupar os alunos em formato de semicírculo, ou de U, para favorecer que todos possam manter contato visual com o professor.
- Usar a proximidade física para encorajar a atenção dos alunos.
- Reduzir a previsibilidade de suas ações, variando a forma de apresentação das lições.
- Arranjar áreas de trabalho individual, nas quais hajam poucas oportunidades de distração, sejam elas visuais ou auditivas.
- Ajudar seus alunos a organizar seu horário, suas atividades na sala de aula, seu material de trabalho, sua carteira, etc..

- Apresentar orientações para as tarefas tanto verbalmente, como por escrito.
- Iniciar o ensino da organização do trabalho, com orientação de poucos passos. Aumentá-los gradativamente.
- Apresentar modelos aos alunos sobre como se organizar no trabalho.
- Encorajar os alunos a pensar antes de falar, exercitando com eles um “tempo de pensar” de 5-10 segundos, antes de apresentar uma resposta.

A este mesmo respeito Hardman et al (1993) sugerem:

- Estimular o desenvolvimento de habilidades de auto-gerenciamento para todos os alunos da sala.
- Estabelecer, sempre com clareza e objetividade, os horários, as rotinas de sala de aula, as regras e o sistema de conseqüenciação, para todos os alunos da sala.
- Usar estratégias de aprendizagem cooperativa para promover a aprendizagem de todas as crianças e o desenvolvimento de relações positivas entre elas.
- Criar um ambiente social e de aprendizagem que seja acolhedor e dê suporte para o aluno.

Lewis & Doorlag (1991) apresentaram, ainda, uma importante relação de **questões que devem ser consideradas antes de se definir**

pela implementação de uma determinada estratégia de intervenção (p. 296), para as quais as respostas são de grande importância, já que **sinalizam, de antemão, as possibilidades de sucesso** desse trabalho.

1. Esta intervenção é possível de ser implementada na sala de aula?
2. Como é que os dados serão coletados?
3. A coleta de dados pode ser feita regularmente?
4. O aluno tem, em seu repertório, os comportamentos que são pré-requisitos para aquele que se pretende ensinar?
5. Se não os tem, eles também devem ser ensinados?
6. O aluno apresenta algum comportamento perigoso que exija eliminação ou remediação imediata?
7. Se não, das intervenções que estão sendo pensadas, qual é a considerada mais positiva e a menos invasiva?
8. Como os estudantes podem ser envolvidos no programa de intervenção? Eles podem monitorar o processo? Podem fazer os registros? Podem ajudar a desenvolver contratos de contingências? Podem servir de modelo para os demais alunos?
9. Que eventos são motivadores (reforçadores) para o aluno a quem o programa se destina? É possível usar esses estímulos na sala de aula?
10. Que recursos são necessários? A intervenção exige tempo do professor? Este vai precisar de um auxiliar? Será necessário usar estímulos motivadores (reforçadores)? Estes estão disponíveis na unidade escolar?
11. Que outros fatores devem ser considerados? Há necessidade de outras adaptações, tais como a de re-organização do espa-

ço, a re-organização do modo de agrupamento dos alunos, o uso de estratégias metodológicas alternativas?

12. Que critérios serão utilizados para se determinar o sucesso ou o fracasso do programa?

13. No caso do programa falhar, que intervenções alternativas podem ser adotadas?

Em síntese:

O professor não pode trabalhar sozinho. Ele tem, sim, que fazer a sua parte, que é perceber o problema, observá-lo, descrevê-lo, descrever as contingências que o cercam, discutir com os profissionais da equipe técnica, com o diretor da unidade, acompanhar os procedimentos de encaminhamento para profissionais especializados, buscar estratégias pedagógicas diversificadas, implementá-las, monitorar seu efeito, reajustar sua prática pedagógica, buscando orientação e o suporte dos profissionais especializados.

Mas ele precisa, essencialmente, do suporte institucional sistêmico, formal e regularmente a ele disponibilizado na unidade escolar e no sistema mais amplo de ensino, onde seu trabalho se efetiva.

Indicadores de bons programas

Por último, há que se mencionar que os profissionais da Educação podem e devem avaliar suas ações de intervenção, já que é somente com esta informação que eles podem manter um trabalho eficiente e de qualidade, no atendimento às peculiaridades individuais de todos os seus alunos, e na resposta às necessidades educacionais especiais presentes no grupo.

Segundo Hardman et al (1993), há **sete fatores** que permitem identificar se um programa de atenção pedagógica a alunos que apresentam condutas típicas está sendo eficiente e eficaz. Segundo as palavras do autor (p. 166-167), são os seguintes:

1. As ações de intervenção são apoiadas por dados obtidos através da observação direta e descrição clara e objetiva dos comportamentos focalizados.
2. O estudo da situação e o monitoramento dos efeitos das ações de intervenção são mantidos continuamente
3. O programa oferece oportunidades freqüentes para os alunos praticarem e usarem as habilidades que acabaram de aprender.
4. Os tratamentos e intervenções adotados são cuidadosamente direcionados para problemas específicos e identificados por uma equipe interdisciplinar, da qual participam os pais do aluno.
5. O programa adota tratamentos múltiplos (interdisciplinares) coordenados, direcionados tanto ao aluno, como à sua família.

6. O programa prevê ações que favoreçam com que as habilidades e os comportamentos aprendidos em contexto terapêutico, sejam generalizadas e transferidas para o ambiente escolar, familiar e social.
7. O programa assume e respeita o compromisso de oferecer continuidade de intervenção para a criança, ou jovem que necessitem de apoio e cuidado por longo período de tempo.

Caro professor.

Mais uma vez procuramos contribuir com seu processo de capacitação continuada, oferecendo este material que contem idéias que podem lhe servir no contexto de sua ação pedagógica.

Esperamos que ele lhe seja útil e que sirva de estímulo para novos estudos e novas realizações.

Um abraço!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Associação de Amigos do Autista (1994). **Alunos com dificuldades de adaptação escolar e condutas típicas**. São Paulo: texto digitado.
- Brioso, A. e Sorria, E. (1995). Distúrbios de Comportamento. Em Coll, c. Palácios, J. e Marchesi, A. (Org.) **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais e Aprendizagem Escolar**. Volume 3. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stainback, S. & Stainback, W. **Inclusão: um guia para Educadores**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1999.
- Hardman, M. L., Drew, C.J., Egan, M. W. e Wolf, B. (1993). **Human Exceptionality**. Boston: Allyn and Bacon.
- Lewis, R. B. & Doorlag, D. H. (1991). **Teaching Special Students in the Mainstream**. New York: Mcmillan Publishing Company.
- Rivière, A. (1995). O Desenvolvimento e a Educação da Criança Autista. Em Coll, c. Palácios, J. e Marchesi, A. (Org.) **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais e Aprendizagem Escolar**. Volume 3. Porto Alegre: Artes Médicas.